

Jaldemir Vitório

A formação na
Vida Religiosa Consagrada
Reflexões para uma pedagogia mistagógica



INTRODUÇÃO

O momento atual das congregações religiosas, mesmo numa avaliação superficial, mostra-se pouco favorável para o cultivo de esperanças. As vocações rareiam. O índice de perseverança das novas vocações tira o sono a muitas equipas de formação. As novas gerações têm dificuldade de se adaptar às estruturas anacrônicas das comunidades religiosas, bem como de se inserir nas obras apostólicas e nas frentes missionárias, onde correm o risco de encontrar veteranos e veteranas pouco dispostos a abrir espaço para quem chega. Por outro lado, os horizontes cultural, religioso, ideológico e mesmo moral dos que são acolhidos nas casas de formação podem ser muito distintos daqueles dos formadores.

Outro cenário que se descortinou nas últimas décadas, em geral, como desdobramento do pentecostalismo católico, aponta para as novas comunidades de vida, masculinas e femininas, ligadas a pessoas convencidas de possuírem o “carisma de fundadores”. Ao mesmo tempo que existem pontos de convergência com a Vida Religiosa Consagrada (VRC) tradicional, como seriam a vida comunitária e de oração, os votos, a missão e outros elementos, podem também ser detetados pontos de divergência. O mais relevante diz respeito ao campo da eclesialidade. As novas comunidades tendem a girar em torno dos movimentos de

onde se originam, numa espécie de dinâmica centrípeta. As congregações religiosas, apesar dos pesares, optam pelo serviço da Igreja e dispõem-se a estar onde mais se necessita da sua presença, no que deveria ser uma dinâmica evangelicamente centrífuga. Contudo, o nível de eclesialidade de muitas comunidades religiosas revela-se baixo, apesar das aparências. Esse modo de proceder destoa do carisma da VRC, chamada à inserção na vida da Igreja, nos mais diferentes cenários, na condição de colaboradora na ação evangelizadora.

O confronto da VRC apostólica com as novas comunidades revela um evidente contraste. Uma tem demasiadas estruturas, a outra é mais leve e dinâmica. Uma mostra-se pouco atrativa para as juventudes, a outra é talhada para elas, com pouquíssimo espaço para pessoas de mais idade. Uma parece conformada com as coisas que faz, sem dar mostras de querer avançar, por lhe faltar ousadia, a outra tem espírito guerreiro e vai sem medo onde estão as pessoas que precisam de ouvir a mensagem do Evangelho, do mundo universitário aos moradores de rua, tentando falar a linguagem deles. Uma trabalha com o ideal de perpetuidade e definitividade, a outra vai-se adaptando aos apelos do Espírito. Uma não se deu conta de estarmos na era da comunicação, a outra transita pelos *media* como se estivesse em casa. Se uma usa tanques pesados, a outra opera mísseis teleguiados. Estes poucos indicadores bastam para explicar a razão por que muitos, especialmente jovens, batem nas portas das novas comunidades e são acolhidos, ao passo que muitas casas de formação da VRC estão às traças ou a um triz de serem fechadas.

Sendo assim, uma questão desponta de imediato: porquê perder tempo com um livro sobre a pedagogia da formação na VRC tradicional nestes tempos bicudos no tocante às novas vocações? Se são escassas as vocações, para que serve um livro sobre pedagogia da formação? São vários os motivos para justificá-lo. O inverso vocacional que se abateu sobre a VRC, de maneira alguma põe em xeque o mérito eclesial e missionário desse carisma, mas coloca em evidência os caminhos enviesados pelos quais os religiosos e as suas congregações estão a transitar, com a consequência previsível de afastá-los do Evangelho. Se nós, religiosos e religiosas, ainda não fomos capazes de nos colocar num processo decidido de refundação, anseio do Concílio Vaticano II e do seu apelo ao *aggiornamento*, a tarefa continua de pé. Por outro lado, o serviço aos pobres e marginalizados, nas muitas periferias do mundo, está na base da identidade da VRC apostólica. Os primeiros prejudicados com a perda de vigor comunitário e missionário das comunidades religiosas e das congregações são os preferidos de Jesus: os esquecidos da nossa sociedade e da Igreja. O nosso descompasso com o sentido da consagração salta-nos aos olhos, embora instados pelo Espírito a retomarmos o bom caminho. Está nas nossas mãos relançar, profeticamente, o nosso carisma, com a beleza e o mérito que o revestem. Se o fizermos, estaremos em condições de propor a muitas pessoas ousadas e generosas o projeto de vida das nossas congregações como opção sensata onde investir o melhor dos seus dons, como caminho de humanização e de realização pessoal. Este livro, então, poderá ser uma ferramenta útil para a formação de quem está a dar os primeiros passos entre nós.

Entrementes, quem bate às nossas portas e é acolhido nas casas de formação tem o direito de ser respeitado no seu ideal de crescer na vocação à qual respondeu, assim como de ser ajudado da melhor maneira possível, com a pedagogia mais conveniente. Este livro tem a pretensão de ser útil para os formadores nos tempos em que devemos manter acesa a chama do nosso ideal, como incentivo para esperar contra toda a esperança. Trata-se da partilha despretensiosa de algumas pistas que podem estimular o processo formativo na VRC a tornar-se uma autêntica mistagogia, um caminho para Deus e para o seu mistério insondável. E, com ela, para o interior de nós mesmos, reflexos do mistério divino, para os irmãos e irmãs de comunidade, com quem compartilhamos um projeto de vida e de missão, para os muitos irmãos e irmãs a quem somos enviados, mormente os caídos pelo caminho, para quem devemos ser os bons samaritanos. A mistagogia coloca-nos, também, a caminho do mistério do Criador presente na criação, cuja sustentabilidade tornou-se um ponto de pauta na agenda da Humanidade.

Quem se adentra nas nossas casas de formação, após um processo de discernimento vocacional e o reconhecimento da autenticidade do chamamento, jamais poderá tornar-se uma marionete nas mãos de formadores despreparados, tão-pouco ser tratado como *avis rara*, no meio de personalidades exóticas e desajustadas.

A pedagogia da formação supõe das comunidades um enorme esforço de se abrirem para acolher quem chega para compor o corpo apostólico da congregação. Portanto, as comunidades religiosas são desafiadas a submeterem-se

a um processo de discernimento vocacional, questionando-se pela fidelidade ao amor primeiro, com o desejo de criarem um espaço “gostoso” de convivência, de partilha e de solidariedade, características de quem se deixou encantar por Deus e, na força do seu Espírito, partilha a vocação baptismal e se alegra com a chegada de novos companheiros e companheiras de jornada. E, mais, ajuda-os a inserirem-se na “família espiritual” à qual se sentem chamados.

As reflexões aqui apresentadas correspondem à partilha das intuições que me foram ocorrendo ao longo de muitos anos de engajamento na tarefa de formador de religiosos e de seminaristas. Talvez possam ser úteis para quem recebeu a missão de acompanhar os formandos das suas congregações. Estas reflexões devem ser, continuamente, aprofundadas e reformuladas, considerando tratar-se de percepções referentes a seres humanos, em contextos que evoluem fora de qualquer controlo. Cada leitor saberá aplicar à própria situação as ideias aqui compartilhadas e dar um passo adiante, de modo a fazer a reflexão progredir.

Portanto, aconselha-se a não absolutizar as afirmações encontradas no decorrer da leitura, por não terem o intuito de ser a última palavra sobre nenhum dos temas aqui abordados. São ideias lançadas para serem rastreadas por quem se embrenhou neste emaranhado chamado “formação da VRC”. Está fora do propósito desta obra gerar celeuma em torno de alguma afirmação ou pensamento inusitado. Deseja-se, sim, criar espaço para que os ingredientes da formação sejam discutidos com honestidade e transparência, tendo o Reino como horizonte. Quanto mais acertarmos numa pedagogia mistagógica que promova a transfiguração

de quem optou pelo carisma da consagração na vida religiosa, tanto mais estaremos a colaborar para o advento de comunidades e congregações mais sintonizadas com o Mestre Jesus, que conta connosco na condição de servidores e servidoras dos mais pobres, seus preferidos.

Haverá leitores que, talvez, considerarão um tanto irrealistas algumas das nossas reflexões. Pense-se no tópico referente às equipas de formação. A pobreza de membros mal permite algumas congregações garantirem uma presença mínima de formadores nos vários estágios da formação; e, por vezes, a mesma pessoa deve encarregar-se, simultaneamente, de distintas etapas. Longe de provocar desânimo ou frustração, espera-se que reforcem o ideal da consagração e deem o melhor de si para superar as turbulências que o nosso carisma enfrenta, na certeza de que o Senhor continua a chamar pessoas generosas para o serviço da messe, que cresce sem cessar, sempre carente de novos operários. Importa sabermos apresentar o nosso carisma congregacional como caminho possível e sermos testemunhas da consagração vivida com radicalidade, a ponto de encantar outras pessoas e motivá-las a fazerem uma opção de vida semelhante à nossa.

Com certeza, muitos gostariam de ver as afirmações ilustradas com casos concretos. A opção por evitar exemplificações deveu-se ao esforço de não sobrecarregar o texto. Todavia, cada afirmação tem o respaldo de vivências, ficando de lado as teorizações. Estou seguro de que a leitura evocará no coração e na mente dos leitores histórias pessoais do tempo da sua formação e enquanto formadores. Bom seria se os ajudasse a compreendê-las mais profundamente

e descortinasse novos rumos a serem dados ao mister de formador. Em todo o caso, tudo quanto se dirá partirá da vida e voltará para a vida. O círculo que vai da experiência e volta para a experiência, à luz da fé e do desejo de servir, permitirá aos formadores crescerem na consciência da grandeza da missão que lhes cabe e motivá-los-á a assumi-la com maior ânimo e generosidade.

A pedagogia aqui contemplada diz respeito, apenas, à relação formador-formando. A tarefa da formação, porém, comporta outros percursos pedagógicos a serem devidamente formalizados e valorizados. Exige-se pedagogia para a introdução dos formandos na prática da oração, da vida comunitária, na missão, no corpo apostólico congregacional, na formação acadêmica e profissional, e outros âmbitos. Como se pode constatar, a semântica do termo pedagogia, aqui, está bem delimitada. E a reflexão manter-se-á nesses trilhos!

Ainda que esta obra possa ser lida individualmente, espera-se que se torne geradora de pautas para serem maturadas e aprofundadas no diálogo entre formadores. A troca de experiências, inclusive entre formadores de distintas congregações, com as suas trajetórias peculiares, poderá proporcionar novas luzes e iluminar os atalhos e as veredas de quem se vê a braços com o encargo de ajudar as novas gerações de religiosos e religiosas a darem os primeiros passos na caminhada congregacional.

Os leitores implícitos desta obra são os formadores da VRC apostólica, às voltas com os formandos e as suas problemáticas específicas. Todavia, os formadores de seminaristas diocesanos, com as devidas adaptações, poderão beneficiar

com o conteúdo aqui compartilhado. Afinal, a realidade da formação na VRC tem muitos pontos de contacto com a formação nos seminários diocesanos.

Olhando um pouco além, entrevê-se que esta obra poderá, de igual modo, ser de grande valia para provinciais e superiores maiores, responsáveis últimos pelas decisões a serem tomadas no campo da formação dos membros das suas congregações. Encaminhamentos equivocados, feitos pelos superiores, bem como a condução precipitada de processos formativos têm efeitos a longo prazo, tanto na vida dos formandos quanto no corpo apostólico congregacional. O acerto nas decisões, todavia, depende do conhecimento dos meandros do processo formativo e da pedagogia para conduzi-lo.

Um ponto de atrito constante nas congregações toca as relações entre as equipas de formação e os superiores maiores. Os desentrosamentos são recorrentes, tornando-se foco de desânimo e desmotivação por parte dos formadores, abrindo brecha para desvios de conduta dos formandos. O interesse e o conhecimento dos superiores, em relação à pedagogia da formação, poderão prevenir uma série de transtornos altamente prejudiciais para todos os implicados na tarefa de formar as novas gerações das congregações.

Este livro poderá colaborar para a construção de consensos pedagógicos por parte dos que são incumbidos de colaborar com os formandos na exigente caminhada para Deus, em comunhão de vida e de missão com tantos irmãos e irmãs.

Optei pela linguagem não inclusiva para facilitar a leitura. No entanto, tive sempre em mente formadores e formadoras, formandos e formandas, religiosos e religiosas. Peço, de modo especial às leitoras, a gentileza de fazerem as devidas transposições no decorrer da leitura. Com raríssimas exceções, a vertente masculina da VRC foi privilegiada, apesar do uso continuado do masculino. A parceria de longos anos com as religiosas permitiu-me fazer uma parcela considerável das reflexões aqui desenvolvidas.

Os leitores atentos perceberão a semelhança desta obra com a que publiquei há algum tempo.¹ E terão acertado! Este texto resulta da reescrita integral do texto anterior, da atualização do conteúdo, bem como da inserção de um capítulo novo, referente à candente questão das implicações do mundo digital no âmbito da formação das novas gerações de consagrados.

¹*A pedagogia na formação: reflexões para formadores na vida religiosa.*
São Paulo: Paulinas, 2008.